

Alumni

Revista Discente da UNIABEU

“TRAVESSIA” E “UMA VEZ NA VIDA”; UMA BUSCA PELA IDENTIDADE E PELO PERTENCIMENTO

Anna Carolina Maia Teixeira (UNIABEU/FAPERJ)

RESUMO:

Este artigo propõe a análise dos contos “Travessia”, de Márcia Bechara, e “Uma vez na vida”, de Jhumpa Lahiri, com focalização específica nos personagens imigrantes, no seu modo de lidar com a herança cultural e nas alterações sofridas por suas identidades individuais em função da vida em uma nova terra. Os contos são um relato da tentativa em manter essas raízes culturais vivas e das dúvidas que surgem ao longo desse processo. Ambos os contos levantam questões a respeito do lugar antropológico dos personagens e demonstram como as identidades tornaram-se cambiáveis nos tempos modernos.

Palavras-chave: Identidade, herança cultural e pertencimento.

*You can see that your home's inside of you
Just know, that wherever you go,
you're never alone,
you will always get back home.
93 millions miles ó Jason Marz*

INTRODUÇÃO

Segundo o pensamento sociológico de Durkheim (apud RODRIGUES, 2000, pp.22-24) o homem é um ser inserido na sociedade e rodeado de “fatos sociais”, sendo estes responsáveis pela visão que possuímos de Estado, liberdade, sanções penais, casamento, etc. Porém, para Durkheim, esta visão não se restringe somente ao pensamento coletivo, e, sim, ao de cada indivíduo. Em outras palavras, para Durkheim, o ser humano possui dentro de si a sociedade em que vive, e ela não existe sem esses indivíduos. Essa afirmação encontra eco na visão que Maurice Halbwachs (2004) tem dos processos de construção da memória individual e da memória coletiva. Para ele, a identidade individual compartilha a memória coletiva, no sentido de manter os traços culturais, a tradição, que são responsáveis pela ancoragem da identidade e pelo sentido do pertencimento.

O que leva o indivíduo a identificar sua sociedade como boa ou ruim, ou o que deveria ser mudado nela, é a “ideia” que se tem sobre ela, uma “representação mental”.

As representações mentais são coletivas, noções que norteiam todos aqueles que vivem em sociedade. Dentre essas representações, estão as que modelam o comportamento do indivíduo, como a religião, as tradições, os costumes, os valores, e o idioma, mostrando que não há uma individualidade absoluta, mas que cada indivíduo leva, dentro de si, toda uma carga social. Assim, quando um indivíduo se desprende de sua terra de origem, carrega consigo todo o peso destas representações sociais, a sua noção de identidade.

Este artigo visa à análise de dois contos; *Travessia*, de Márcia Bechara, e *Uma vez na vida*, de Jhumpa Lahiri, com o suporte teórico dos conceitos apresentados por Stuart Hall (2003) acerca das diferentes concepções de identidade e da herança cultural.

1- TRAVESSIA: UM ENCONTRO COM A ORIGEM

Travessia, de Márcia Bechara (2010 p. 279-290), é um conto extraído do livro **Primos**, organizado por Adriana Armony e Tatiana Salem Levy, e narra a trajetória de uma família libanesa. Divide-se em duas partes: a primeira, intitulada *A ida*, narra a relação distante de Naceb com a mãe Rana e a sua ida para o Brasil para casar-se com o primo Abraão. A segunda parte *A volta* narra a volta da quarta geração da família de Naceb, mais especificamente de seu neto, Suad, ao Líbano, para lutar por uma guerra que ele considera sua também. Os subtítulos fazem uma alusão às gerações desta família.

Percebe-se, ao longo da narrativa, que a mãe de Naceb, Rana, é quem dirige a casa, enquanto o pai assume o papel de protetor dos filhos e quem os acalenta. Rana acredita estar criando filhos fortes com esse distanciamento: homens e mulheres que saberão lidar com as dificuldades da vida sem se curvar diante delas.

O texto começa com a voz áspera de Rana a imprimir nos descendentes toda a força de seu povo:

Eu não quero ninguém pacífico. Não desejo reverências sob o meu comando. Eu não quero bichos pacíficos, filhos pacíficos, amigos e comensais pacíficos, não quero sentar à mesa com ninguém que não reconheça o perigo. (BECHARA, 2010 p.279)

A genealogia da família é expressa pelo narrador de modo a dar ênfase ao desejo de Rana:

Assim disse Rana, mãe de Naceb, que gerou Omar, que injetou Suad no quadril de Monia, que imediatamente se ressentiu do cheiro acre da oxidação marítima que danificou peças-chave do seu corvette prata, fato de que se apercebeu horas antes de dar à luz o menino, um herdeiro legítimo da vocação belicista e confessional de sua bisavó, matriarca brancaleônica [...] (BECHARA, 2010 p.280).

A relação entre mãe e filha se estreita na noite anterior à partida de Naceb para o Brasil, quando se permite sentir pela filha um sentimento de amor e preocupação.

[...] Rana, que nunca havia permitido deitar quenturas sobre os filhos à noite, função delegada não sem certo escárnio para o pai, acabara de

cobrir Naceb com todas as fibras nervosas de seu afeto, justo no instante em que a menina se preparava para perdê-lo. A velha leoa havia deitado sua enorme língua sobre a cria, momentos antes de deixá-la (BECHARA, 2010 p.281).

Nota-se, na primeira parte do conto, uma relação profunda com as tradições, com a identidade cultural deste povo. Naceb casar-se-á com o primo; um casamento arranjado, que ela aceita com convicção.

Antes de sua partida, a mãe lhe mostra o tabuleiro em que prepara o quibe e diz:

Vê, menina, a vida é como este tabuleiro de carne, a gente vai comendo e vão ficando os buracos, mas esses vazios significam uma presença, a presença de quem os comeu, e aprendemos também a colecionar essas ausências, que, com tempo, superam em quantidade os pedaços deste quibe, mas é tudo alimento, tempero e vontade. (BECHARA, 2010, p. 281)

A viagem é conturbada. Em meio ao aparente equilíbrio, ãa carne de sua mãe permanecia ao mesmo tempo podre e intacta, eterna no tabuleiro, para não causar ausênciasõ (BECHARA, 2010, p. 281). Na chegada ao Rio de Janeiro, o noivo a espera e é com doçura e fúria que Naceb abraça a nova vida.

Segundo Hall, a identidade cultural se caracteriza por pontos de identificação, fixados no nascimento, sendo ela parte da natureza dos indivíduos, definindo-os como pertencentes a uma determinada cultura, nação e família. Dito isto, pode-se afirmar que a parte intitulada ãA Idaõ aborda tão somente as questões acerca da identidade cultural dos libaneses.

Na segunda parte do conto, encontramos os desdobramentos dos processos diaspóricos. Em ãA Voltaõ, Suad, neto de Naceb, decide ir ao Líbano para lutar pelo ãseu paísõ. Percebe-se, ao longo da narrativa, que ele não é nascido no Líbano, e sim, no Brasil. Sendo assim, o Líbano é sua ãcomunidade imaginadaõ.

A identidade nacional é uma das principais fontes da identidade cultural. Está ligada às nossas tradições. Ela nos define como pertencentes a um lugar; é a representação da nação da qual fazemos parte. Não é um traço genético, mas, sim, de nossa natureza essencial. É a identificação do indivíduo como pertencente a uma sociedade, um grupo. Para Benedict Anderson (1983, pp.5-7), ãa identidade nacional é uma comunidade imaginadaõ. Anderson argumenta que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas.

Segundo Anthony Giddens (1990, pp. 37-8), ãa tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentesõ. Assim, quando questionado pela mãe sobre a decisão de lutar pelo Líbano, Saud responde que ele lutará pela sua origem. Mostrando mais uma faceta identitária: a associativa, que é responsável pelo elo forte com a cultura de origem, mesmo quando o indivíduo pertence à outra geração, demonstrando que o local de nascimento não é mais a única fonte de identificação: ã[...] não lutarei pelo ódio, lutarei pelo fogo dentro de mim que termina as fronteiras do meu espíritoõ, ã[...] não tens este pertencimento dentro de você (BECHARA, 2010, p.287).

Com esta afirmação, Saud demonstra estar em consonância com a perspectiva de Hall, em que a identificação deixa de ter um caráter antropológico e passa a ser associativa. Não é preciso estar preso ao território físico para se sentir pertencente a ele.

Suad carregava em si o peso de sua ancestralidade, tinha a composição pétrea dos insetos, e um dom para cansar seus possíveis opressores com sua incrível resistência (BECHARA, 2010, p.287). A mãe, Monia, já desistira dele, havia se convencido de que é possível a morte do amor de uma mãe por um filho, não havia paz para ela desde Suad, que a desprezava ferocemente, talvez por ver na sensibilidade dela um sinal de fraqueza que contrariava tudo o que havia aprendido sobre a sua família.

Segundo Zygmunt Bauman (2003), a comunidade é o entendimento compartilhado de forma natural, sendo este distinto a cada agrupamento humano, é pequena e autossuficiente; atende a todas as necessidades dos indivíduos que fazem parte dela. Por outro lado, esta comunidade possui traços frágeis e vulneráveis, visto que, com o advento dos meios de comunicação, não há mais como distinguir os pertencentes ou não a ela, dissolvendo-se a distinção entre nós e eles. Há, então, necessidade de vigilância para que seus costumes e valores não sejam perdidos.

Para o autor, os indivíduos procuram fazer parte dessas comunidades de entendimento comum na esperança de encontrar segurança, pois estão inseridos em um mundo onde tudo se move e se desloca, em que nada é certo. Segundo Jock Young (1994, p.164, apud BAUMAN, 2003, p.20): precisamente quando a comunidade entra em colapso, a identidade é inventada.

Por esta razão, o autor alega que a identidade é a substituta da comunidade; do lar natural ou do círculo aconchegante. É a representação de um passado, onde os costumes e as fronteiras davam ao indivíduo a sensação de pertencimento. Em contrapartida, ainda segundo o autor, essa busca pela identidade cria um paradoxo; de um lado a identidade como forma de distinção, o caráter singular; do outro, como um papel tranquilizador, a noção de que o indivíduo é parte de uma comunidade, por meio da qual obtém contato com a memória coletiva.

É essa ideia de retorno que faz com que Suad, contrariando os pais, volte ao Líbano, para uma luta que não é sua. Em uma missão no sul do Líbano, depara-se com um cenário de morte: numerosas crianças massacradas. A imagem o leva à fúria que já trazia no sangue. Em meio à luta, vê um arbusto que se move. Impele-o a força ancestral, e ele atira. O inimigo é um jovem de cerca de quinze anos, ferido, implorando para que não o deixe morrer. Aquele é o instante em que Suad perde a sua guerra, perde a guerra para a bisavó, Rana, perde o desprezo pelo sentimentalismo dos pais, perde a audácia que o fazia deixar de ter amor a si mesmo. A imagem do menino à morte o leva à atitude extrema do suicídio.

A dureza de caráter tão cuidadosamente transmitida de geração em geração, espelho de uma pátria permanentemente em luta, fazia parte da herança, tanto quanto os alimentos, os rituais. No entanto, Suad não nascera ali, não tinha o perigo e a morte em sua essência.

2. UMA VEZ NA VIDA: CONFLITO DE IDENTIDADES

O conto *Uma vez na vida*, extraído do livro **Terra descansada**, de Jhumpa Lahiri, expõe os diferentes modos de aculturação, que influenciam a identidade dos migrantes quando se estes encontram em um processo diaspórico: o de separação, o de assimilação e o hibridismo. As identidades assim formadas são destacadas ao longo da narrativa em diferentes personagens, demonstrando, deste modo, o conflito entre aqueles que estão fora de seu país de origem, mas que mantêm suas raízes culturais, e os que já foram assimilados pela nova cultura e não possuem mais os hábitos que outrora faziam parte da sua identidade cultural.

Para Hall (2003), diáspora é o fenômeno de migração humana das ex- colônias para as metrópoles. A pessoa diaspórica é aquela que vive longe de sua terra natal, mas mantém sua identidade cultural viva na língua, religião e costumes. É uma concepção fechada de tribo, em que há um "cordão umbilical", ao qual chamamos de tradição.

No contexto da diáspora ocorre o processo de aculturação, uma miscigenação cultural, que possui duas vertentes; a primeira intitulada como modelo unidirecional; por meio da qual se entende que o imigrante deva abrir mão da tradição, de sua herança cultural, e adotar os valores e os comportamentos característicos do novo território; a segunda, o modelo bidimensional, que busca analisar a interação entre as duas culturas.

Segundo Shirley Carreira (2004 p.1) a identidade que sofre aculturação pode expressar-se de quatro modos:

[...] integrativa, quando o ele mantém os valores étnicos originais, e boas relações com o grupo majoritário; de separação, quando o indivíduo opta por manter seus valores étnicos, sem procurar estabelecer relações favoráveis com a comunidade dominante; de assimilação, que implica o abandono da própria identidade cultural em favor da comunidade dominante; e de marginalização quando há a perda total da identidade cultural e a ausência de integração com a comunidade.

Uma vez na vida tem como pano de fundo o interesse que Hema, a protagonista, tem pelo jovem Kaushik. A personagem narra, no que parece ser uma carta, o seu ponto de vista sobre o período em que o adolescente e seus pais ficaram hospedados em sua casa, e a maneira como os novos costumes dos pais de Kaushik entraram em conflito com os da sua família. Hema descreve todo o processo que a levou a aproximar-se do jovem no curto tempo em que viveram juntos, bem como o fato de que essa proximidade marcara profundamente a sua vida.

A mãe de Hema, Shibani, é uma mulher que se mantém fiel às suas raízes. Dona de casa, seu papel é cuidar da filha e do marido. A personagem não se permite sofrer influências da nova cultura ao qual é exposta diariamente: “[...] Os filmes de determinada época eram a única coisa que minha mãe amava genuinamente no Ocidente. Ela nunca usava saias - o que considerava indecente -, mas era capaz de se lembrar, cena por cena, das roupas da Audrey Hepburn em todos os filmes dela.” (LAHIRI, 2009 p.265).

Shibani se nega a abrir mão de sua herança cultural e renega a nova cultura, demonstrando claramente a sua resistência ao Ocidente e tudo o que ele representa. Expõe, assim, uma possibilidade de resposta das pessoas que sofrem o processo diaspórico.

No conto, o inverso acontece na família de Kaushik. Parul, a mãe de Kaushik, é uma bengalesa que volta de Bombaim para os Estados Unidos com a família, após anos de distanciamento, e se hospeda na casa de Shibani. O primeiro contato entre as famílias ocorrera muitos anos antes, quando Shibani estava grávida de Hema.

As diferenças entre eles se tornam mais evidentes a partir do momento em que a família chega à casa de Hema.

[...] Meus pais se mostravam ao mesmo tempo críticos e admirados em relação aos seus, perplexos com o quanto haviam mudado. Bombaim os havia tornado mais americanos do que Cambridge, disse

minha mãe, algo que ela previra e que não entendia (LAHIRI, 2009 p.267).

Porém, o que mais incomoda Shibani, ao longo da história, é a identidade assimilada de Parul, uma vez que, já não lhe é possível identificar os traços que anteriormente as ligavam. Há uma barreira que a impede de se aproximar da amiga, e essa barreira é o preconceito em relação à nova aparência e ao comportamento de Parul.

[...] Houve comentários sobre os cabelos curtos da sua mãe, sobre a calça comprida dela, sobre o Johnnie Walker que ela e seu pai continuaram a beber uma vez terminada a refeição [...] Ela comentou que a sua mãe havia se tornado òestilosaõ, o que no seu vocabulário era um termo pejorativo, sugerindo um cuidado excessivo consigo mesmo que ela reprovava. (LAHIRI, 2009, p.269 e 270)

Parul passara a ter hábitos ocidentais, como: a bebida, o uso de roupas mais atraentes e de maquiagem. Hema é a que mais se sente atraída por estas diferenças entre sua mãe e Parul, pois, como uma criança criada em outro país, que não o de origem dos seus pais, ela possui uma identidade híbrida, transcultural, ou seja, embora submetida aos hábitos culturais de seus antepassados, está também exposta à cultura de outro país, que, igualmente, assimila. Em casa segue as regras impostas pelos pais, como o uso das roupas que a avó manda da Índia para ela, e, na escola e na vida social, adere à cultura em que está inserida.

Assim como Hema, Kaushik sofre a influência das duas culturas. Há uma ligação com a herança familiar e com os costumes que estão sendo enraizados a cada dia. Entretanto, há uma diferença entre eles. Ambos nasceram nos Estados Unidos, são cidadãos americanos, mas a manifestação da herança cultural é mais perceptível em Hema. Ela segue os costumes dos Bengaleses e não se sente obrigada a isso, não há uma resistência por parte da personagem. Diferentemente, Kaushik, mesmo tendo morado em Bombaim, permanece mais Ocidental do que Oriental. Essa diferença traz à baila uma questão importante acerca das identidades: o lugar antropológico do personagem é a pátria que o recebeu no dia de seu nascimento, e não aquela que lhe deveria servir como referência:

[...] òEle ficou furioso quando fomos embora, e agora está furioso por estarmos aqui de novo.õ, disse seu pai. òAté em Bombaim nós demos um jeito de criar um típico adolescente americanoõ [...] òEla (Shabani) ainda falava com você em bengali, apesar de suas respostas serem sempre em inglês (LAHIRI, 2009, p. 272-278).

Este pensamento dialoga diretamente com o conto òTravessiaõ, extraído do livro **Primos**, e mostra que, assim como o personagem brasileiro, Saud, tem o Líbano como seu lugar antropológico, centrado na comunidade imaginada, Kaushik tem os Estados Unidos como seu lugar de pertencimento.

Segundo Hall, as identidades, sejam elas associativas ou culturais, não estão impressas em nossos genes, não há um vínculo com a nossa natureza essencial. No contexto das diásporas, elas são mutáveis e intercambiáveis, a exemplo do que afirma Hall: òa identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiamõ (HALL, 1987, p. 13).

Pode-se dizer que ambos os contos retratam a busca dos personagens pela identidade e pelo pertencimento ó a sensação acolhedora de fazer parte de uma comunidade, apresentando os conflitos que são gerados a partir do embate entre as identidades estáveis do passado e a mobilidade do mundo moderno, em que a identidade, aquilo que define quem somos, sofre modificações, gerando a multiplicidade do eu, conforme nos ensina Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas e desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem flutuar livremente (HALL, 1992, p.20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] exiles or emigrants or expatriates, are haunted by some sense of loss, some urge to reclaim, to look back, even at the risk of being mutated into pillars of salt.”

(RUSHDIE, 2010.p.10)

Os contos apresentados neste artigo têm como objeto principal a busca dos imigrantes, da primeira e segunda geração, pelo pertencimento numa realidade diferente do seu país de origem; personagens traduzidos, conforme a definição de Salman Rushdie em *Imaginary Homelands*. Ambos os textos mostram a relação profunda entre o passado e o presente narrados e vividos pelos personagens.

A herança cultural enraizada nas famílias da primeira geração de imigrantes e as identidades que vão se moldando ao longo do tempo pela segunda geração demonstram claramente que a identidade não é algo fixo e imutável, mas sofre modificações, indiferente à vontade daqueles que saíram de sua terra natal em busca de melhores oportunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. Londres: Verso, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BECHARA, Márcia. **Primos: História da herança árabe e judaica**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CARREIRA, Shirley de S, G. Vestígios da transculturação em *Shame*, de Salman Rushdie. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. V 3 (11), UNIGRANRIO, 2004. Disponível em:

<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/iew/463/454>

GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

LAHIRI, Jhumpa, **Terra descansada: contos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RUSHDIE, Salman. **Imaginary Homelands.** London: Vintage, 2010.

“CROSSING” E “ONCE IN A LIFETIME”: A SEARCH FOR IDENTITY AND BELONGING

Abstract: This article aims at an analysis two short stories: "Crossing", by Marcia Bechara, and "Once in a Lifetime" by Jhumpa Lahiri, with specific focus on the immigrant characters, their way of dealing with the cultural heritage and the changes suffered by their individual identities on the basis of a life in a new land. The tales are an account of their attempt to maintain their cultural roots alive, as well as of the doubts that arise throughout that process. Both stories raise questions about the anthropological place of the characters and demonstrate how identities become interchangeable in modern times.

Keywords: Identity; Cultural heritage; belonging